



NAS MALHAS DO VAZIO: O NIILISMO PARA A CONSTRUÇÃO DE NOVAS SUBJETIVIDADES

Bruno Mira¹

Wellington Lima Amorim²

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo principal analisar de modo sucinto, o significado do conceito de niilismo, e sua aplicabilidade para a construção de novas subjetividades. As obras de Ivan Turqueniev, Fiodor Dostoiévski, Friedrich Nietzsche e Emil Cioran, são as principais referências teóricas para discutir os diferentes modelos de niilismo. Também serão analisados os diferentes tipos de subjetividades que a ciências e depois a pós-modernidades influenciaram sobre os indivíduos.

Palavra-chave: niilismo; subjetivação; ciência; pós-modernidade; crise.

ABSTRACT: This paper aims at presenting analyze briefly the meaning of the concept of nihilism, and its applicability to the construction of new subjectivities. The works of Ivan Turqueniev, Fyodor Dostoevsky, Friedrich Nietzsche and Emil Cioran, are the main theoretical references to discuss the different models of nihilism. Also analyzed are the different types of subjectivities that science and then post-modernity influenced on individuals.

Keywords: nihilism; subjectiveness; science, post-modernity; crisis.

¹Bruno Cesar Costa Ribeiro Mira, graduado em História pela FFCL (Faculdade de filosofia ciências e letras de Ituverava-SP) e graduando em Ciências Sociais IFTM (Instituto Federal do triangulo mineiro) campus Uberaba/MG. E-mail: brunomira3@hotmail.com

²Prof. Dr. em Ciências Humanas. Universidade Federal do Maranhão. E-mail: wellington.amorim@gmail.com



INTRODUÇÃO

Compreender a inexatidão do significado niilista nunca foi fácil. O conceito foi aludido através da palavra *Nihil* do latim, que significa nada. Mas significar o nada foi uma das prerrogativas para o desenvolvimento do pensamento que conduz a descrença, como forma realística de pensar o indivíduo e o real. Entender o niilismo é tentar compreender os diferentes significados ao qual o homem foi conduzindo sua existência. Apesar das diferentes épocas, o niilismo marca o indivíduo como uma falta de sentido em sua realidade, apesar de suas crenças e anseios em si mesmo.

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar o pensamento niilista, como base de criação para novas subjetividades³. Através do uso do pensamento niilista, a condução de novas subjetividades seria uma experiência realista, pois por maiores que sejam suas novas afirmações, o indivíduo saberia sempre do vazio de suas escolhas subjetivas, e com isso possibilitando sempre novas maneiras de se conduzir. Será discutido de forma breve, o início das conceptualizações sobre o pensamento niilista em Ivan Turqueniev e Fiodor Dostoiévski, e sua justificação filosófica no pensamento de Friedrich Nietzsche. Também será trabalhado o papel da ciência como crença para a afirmação de novas subjetividades, e a pós-modernidade, como período de dissolução das metas narrativas, que segundo o pensador François Lyotard, conduziram a sociedades após a segunda guerra mundial. Através das obras de: Friedrich Nietzsche, Emil Cioran, Jean Baudrillard, Albert Camus, será feita uma breve

³ Os modelos de subjetividade ou subjetivação são todos os procedimentos discursivos e ideológicos que o sujeito acredita e forma aquilo que é. Ou seja, o sujeito pode acreditar em diferentes religiões e aquele determinado tipo de religião que o sujeito acredita, pode moldar sua maneira de ser e ver o mundo etc.



tentativa de conceptualizar o pensamento niilista, e suas diferentes perspectivas sobre o entendimento subjetivo.

CONCEITUALIZANDO O INSUPORTAVÉL

A ideia de falar sobre o niilismo, já se apresenta como algo insuportável, dilacerante, vazio, sufocante. O niilismo desconstrói cada figura de pensamento, cada vontade ideal. Sua força atuante esta em destruir, acabar, tirar, a destruição também é uma ânsia criadora, de Bakunin resume bem calmamente esse pensamento desconcertante chamado niilismo. Na contemporaneidade esse pensamento difundiu inúmeros estudos e características antes apenas professadas por filósofos e estudiosos. O niilismo por mais desconcertante que pareça, pode ser necessário carrega-lo, para construir novos modelos de existência novas referências significativas, mas para isso é necessário destruir as significações existentes.

A palavra niilismo, deriva do latim *Nihil*, que significa nada. Sua difusão acontece no sec. XIX, Ivan Turgueniev e Fiodor Dostoiévski, difundiram este pensamento desconcertante em algumas de suas obras. Na passagem da obra: Pais e Filhos, Turgueniev (1988, p.28) descreve: “O niilista é o homem que não se curva perante nenhuma autoridade e que não admite como artigo de fé nenhum principio, por maior respeito que mereça”. Bazárov, personagem niilista da obra pais e filhos de Turgueniev, apresenta no decorrer da obra, os postulados do seu pensamento niilista. O niilismo em pais e filhos é marcado pela insistente critica ao pensamento religioso, ainda muito marcante na Rússia czarista. Outro escritor Russo que descreve o niilismo é Dostoiévski. Em sua obra notas do subsolo, o pensamento do homem subterrâneo de Dostoiévski é



marcado pela desconstrução psicológica, e principalmente em sua crítica a desconstrução do ser humano em suas certezas cotidianas.

(...) nós todos nos desacostumamos da vida, uns mais, outros menos, e nos desacostumamos ao ponto de sentirmos às vezes uma certa repugnância pela verdadeira “vida viva”, e por isso não podemos suportar que nos façam lembrar delas. Pois chegamos ao ponto de quase achar que a verdadeira “vida viva” é um trabalho, quase um emprego, e todos nós no íntimo pensamos que nos livros é melhor. (...) eu apenas levei às últimas consequências na minha vida àquilo que os senhores não tiveram coragem de levar nem à metade, e ainda por cima acharam que sua covardia era bom-senso, consolando-se e enganando a si próprios com isso. (...) deixem-nos sós, sem livros, e imediatamente ficaremos confusos, perdidos—não saberemos a quem nos unir o que devemos apoiar o que amar e o que odiar; o que respeitar e o que desprezar. (...) Somos natimortos, e há muito tempo nascemos não de pais vivos, e isso nos agrada cada vez mais. Estamos tomando gosto. (DOSTOIÉVSKI, 2008, p. 148, 149)

Dostoiévski critica os valores pautados por aquilo considerado viver, ou seja, valores que muitos seguem automaticamente transformando isso em ofício para a vida; desconstruir os valores já assegurados pela maioria, retirar as obras que permeiam o exigido como correto, levar as últimas consequências a crítica sobre suas próprias crenças cotidianas. Pronto o insuportável acaba de acontecer, e muitos tomaram gosto em retirar valor por valor da crença humana para seguir a vida. Turgueniev e Dostoiévski descreveram através de suas obras as características gerais do niilismo, deixo claro como características gerais, pois no século XX esse pensamento de desconstrução chega ao limite do insuportável. Mas antes do século vinte, Friedrich Nietzsche, declararia o futuro da sociedade pautado pelos princípios niilistas.



UM NOVO ALVORESCER: CIÊNCIA

Friedrich Nietzsche coloca o pensamento niilista no auge do seu descontentamento. A primeira margem de aparecimento do niilismo acontece através da morte de deus. O deus metafísico sucumbe à ideia científica, o homem começa a se libertar dos grilhões metafísicos da moral cristã, porém, esse espaço vazio e inebriante fica por pouco tempo sem preenchimento.

(...) conhecemos formas mais humildes da embriaguez, o trabalho maquinal, a abnegação que faz de nós um instrumento a serviço de uma ciência, de um grupo político ou financeiro; o fanatismo mais mesquinho, mais estúpido, o envolvimento obrigatório no círculo mais estreito já tem virtudes inebriantes. Há também certa modéstia facilmente excêntrica que nos faz sentir quase voluptuosamente o sentimento do vazio; há uma satisfação legada ao vazio eterno de qualquer coisa, um misticismo do nada e uma maneira de sacrificar-se a essa crença. (NIETZSCHE, 2010, p. 70)

O autor descreve a troca de valores que acontece na modernidade, o deus metafísico é sucumbido pelos valores científicos, que declaram a emancipação do ser humano, creditando os valores científicos e racionais como novos discursos sobre todas as certezas da condição humana. O homem não consegue se desvencilhar do caráter de adoração antes creditado pelos princípios religiosos. Mas essa satisfação de aniquilar legada ao vazio continua a perpetuar. Algo começa a mudar com a ciência ditando os valores. A quebra de paradigmas acontece onde ideologias emancipadoras do homem surgem no cenário mundial como: o partido nacional socialista alemão dos trabalhadores, o fascismo italiano e a união das repúblicas socialistas soviéticas, ambos ditando liberdades, humanismo, e evoluções sociais científicas. Após a segunda guerra



mundial, principalmente após Hiroshima e Nagasaki, a emancipação científica chega da maneira aterradora para o mundo que descobre campos de concentração na Europa, os gulag na Sibéria, e a revolução cultural na China, que chegou a níveis extremos (...) “Guardas Vermelhas que tratavam de cortar a vítima pedaço a pedaço, que por vezes cozinhavam e comiam, ou obrigavam a família do suplicado, que ainda vivo, assistia tudo” (...) (COURTOIS et al. 1999, p 238) O homem novamente é sucumbido à descrença sobre os valores, e novamente sobre a égide dos ornamentos de sangue e pólvora.

Em si mesma toda ideia é neutra ou deveria sê-lo; mas o homem a anima, projeta nela suas chamas e suas demências; impura, transformada em crença, insere-se no tempo, toma a forma de acontecimento: a passagem da lógica à epilepsia está consumada... Assim nascem as ideologias, as doutrinas e as farsas sangrentas. (CIORAN, 2011, p. 13)

O filósofo Romeno Emil Cioran, descreve a valoração do fanatismo, principalmente as ideologias que tentaram libertar o homem. Seu pensamento niilista desconstrói todas as propostas, crenças, sonhos, valores e discursos em que está inserido o homem após a segunda guerra. Muitos pensadores propõem a desconstrução, mas dessa vez sem erigir valores ou sugestões para um novo mundo. “A ânsia de tornar-se fonte de acontecimento atua sobre cada um como uma desordem mental ou uma maldição intencional. A sociedade é um inferno de salvadores” (CIORAN, 2011, p.15).

A PÓS-MODERNIDADE

Com o fim da segunda guerra mundial, a descrença sobre a emancipação científica-humana, toma proporções mundiais como: a revolução feminista em



1960, a contra cultura hippie nos EUA contra a Guerra do Vietnã, e o pensamento existencialista e desconstrucionista, e as insurreições de Maio de 1968. Todas essas revoltas constituem no final um plano comum, libertar o homem da tirania do estado, e a igualdade de direitos. No pensamento filosófico, principalmente na França, muitos realçaram certo pessimismo quanto às intenções humanas. Jean-François Lyotard, (2009) um dos precursores do pensamento pós-moderno, observa a crise das metas-narrativas, como o comunismo e o capitalismo, e com isso o homem mantém sua descrença no futuro.

Se fosse caracterizar o atual estado de coisas, eu diria que é o da pós-orgia. A orgia é o momento explosivo da modernidade, o da libertação em todos os domínios. Libertação política, libertação sexual, libertação das forças produtivas, libertação das forças destrutivas, libertação da mulher, da criança, das pulsações inconscientes, libertação da arte. Assunção de todos os modelos de representação e de todos os modelos de anti-representação. Total orgia do real, de racional, de sexual, de crítica e de anticrítica, de crescimento e de crise de crescimento. Percorremos todos os caminhos da produção e da superprodução virtual dos objetos, de signos, de mensagens, de ideologias, de prazeres. Hoje, tudo está liberado, o jogo já está feito e encontramos-nos coletivamente diante da pergunta crucial: O que fazer após a orgia? (BAUDRILLARD, 2008, p.9)

Eis o grande e salutar problema, o que vem agora, tudo foi transpassado e ditado em sublevações e críticas, o que o ser humano faz após a orgia do mudar. Perguntas que muitos foram respondendo de sua maneira, mas resumidamente, nenhuma dessas respostas conseguiu almejar um caminho comum socialmente. Com a pós-modernidade, as diretrizes que marcam o desejo e a formação das subjetividades dos indivíduos são ditados pela imagem. Com o advento da televisão, o homem se fragilizou ainda mais com sua condição. Imagens,



palavras, estereótipos de conduta, são prescritos pela televisão, que não deixa o homem deslocado se sentir sozinho entre as diferentes ofertas de vida.

A alienação do espectador em favor do objeto contemplado (...) se expressa assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes das necessidades, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo. (DEBORD, 2008, p24)

Esse espectador alienado que Debord comenta, é aquele indivíduo vazio de significados, descrente na mudança em longo prazo, essa necessidade do indivíduo do espetáculo acontece por momentos, feixes, fluxos de aparecimento e desaparecimento dos desejos tangíveis que condicionam sua existência. A esperança do indivíduo na pós-modernidade, está filiada ao seu consumo desregrado na busca incessante de alívio para a sua condição. A grande dificuldade para essa subjetividade que se forma com o consumo, é sua mudança que acontece de acordo com o mercado. O hoje constituído, amanhã é velho e fora de moda, e com isso as esperanças de algo autêntico de acordo com a necessidade de cada um, acabam se fragmentando ao impossível.

CONCLUSÃO: CONHECER PARA CRIAR

O conhecimento sobre a condição humana no mundo contemporâneo é pouco almejada pelas massas inertes que se enxergam apenas como consumistas. O problema acontece quando esses mesmos indivíduos entram em crise frente à realidade. Aquele mundinho bonito da imagem, aquela sensação do objeto conseguido, não satisfaz a imensa insensatez que a crise individual permuta.



De fato todo grande crescimento traz consigo também um descomunal esboroamento e perecimento: o sofrer, os sintomas do individuo fazem parte dos tempos de descomunal avanço; cada fecundo e potente movimento da humanidade criou ao mesmo tempo um movimento niilista. Seria em certas circunstancias o sinal de um incisivo e essencialíssimo crescimento, para a passagem a novas condições de existência, que a mais extremada forma do pessimismo, o niilismo propriamente dito, viesse ao mundo. Isso eu compreendi. (NIETZSCHE, 1978, p.386)

Segundo Nietzsche, esse niilismo estaria intrínseco as potencialidades e conquistas adquiridas pelo homem, pois essa parte obscura pouco comentada mas muito sentida pelo homem, deixa apenas o desgosto quando não a entendimento sobre ela. O super-homem Nietzscheano seria esse alvorecer de potência afirmativa sobre si mesmo, essa nova subjetividade afirmada a partir dos princípios do próprio individuo. Porém, esse novo homem continua apenas utópico, já que afirmar o homem em suas potencialidades, ou seja, dizer sim a vida requer o sentimento apreciativo do trágico, que muitos levam como o fim de todas as etapas. Cioran explorou ao máximo essa digressão sobre as certezas humanas. O autor chama a atenção para os cumes do desespero, situando o homem em plena crise da certeza, e contemplando o absurdo como tentativa de se colocar adiante “nos cumes do desespero, só a paixão do absurdo ainda pode lançar uma luz demoníaca sobre o caos” (CIORAN, 2012, p. 22).

O desespero, a falta de sentido, a incompreensão do momento, todas essas sensações o homem contemporâneo tenta em vão acalantar, porém a solução mais difícil e necessária seria uma introspecção, ou seja, entender essa crise através do próprio individuo. Se construir apesar da crise parece algo de difícil compreensão quando não analisado em seus pormenores. A crise seria aquele fenômeno de desgaste da subjetividade do individuo, o que afirmo como subjetividade, envolve crenças, modos de ser, visões de mundo, interpretações



da vida. Chega um momento na vida de cada sujeito, em que esses modelos subjetivos estão desgastados em sua adequação ao mundo, com isso a crise seria o fenômeno natural de reinvestidas para novos modelos de subjetividade.

O niilismo seria a ferramenta de lucidez ideal para as subjetividades e também para a condução de novos modelos subjetivos. O niilismo não serve como fio condutor da vida, sua função está mais para o esclarecimento daquilo que o sujeito afirma como verdade para si, com isso, o niilismo seria a desconstrução daquilo que o próprio sujeito acredita, ou seja, a noção de sua própria tragédia. Ter a noção da própria tragédia significa: entender sua realidade como o máximo de lucidez possível, sem se enganar com falsas modéstias, ou mesmo com saberes absolutos sobre a vida. Albert Camus traduz essa situação com imensa maestria em sua interpretação existencialista sobre o mito de Sísifo.

Este mito só é trágico porque seu herói é consciente. (...) Sísifo, proletário dos deuses, impotente e revoltado, conhece toda extensão de sua miserável condição: pensa nela durante a descida. A clarividência que deveria ser o seu tormento consoma, ao mesmo tempo, sua vitória. Não há destino que não possa ser superado com o desprezo. Assim como, em certos dias, a descida é feita na dor, também pode ser feita na alegria. (...) O desespero imenso é coisa pesada demais para se carregar. (...) Mas as verdades esmagadoras desaparecem, ao serem reconhecidas. (CAMUS, 2012, p. 139)

Sísifo foi condenado por Zeus a carregar uma pedra montanha acima, sendo que toda vez que estava quase no pico da montanha, não aguentava o cansaço e a pedra rolava novamente para a base da montanha. O que Camus chama a atenção é para a noção do trágico contido no mito de Sísifo. O personagem Sísifo tem a plena noção de sua tragédia, sendo que esse mesmo



papel assumido por Sísifo como conhecedor de sua condenação seria o mesmo exercido pelo indivíduo que usa o niilismo como ferramenta, ou seja, conhecer a fragilidade de suas crenças e modos de existência. Com esse conhecimento, a construção de novas subjetividades seria algo sensato e lúcido em suas afirmações, já que o sujeito construtor de suas novas possibilidades sobre o mundo saberia de antemão a finitude e realidade de sua nova subjetividade assumida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUDRILLARD, Jean. **A transparência do mal: ensaio sobre os fenômenos extremos**. 10. Ed. São Paulo: Papirus, 2008.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. 9^a Ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

CIORAN, Emil. **Breviário de decomposição**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

CIORAN, Emil. **Nos cumes do desespero**. São Paulo: Hedra, 2012.

COURTOIS, Stéphane. et al. **O livro negro do comunismo: crimes, terror e repressão**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Notas do subsolo**. Ponto Alegre: L&PM, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre o niilismo e o eterno retorno (1881-1888)** 2^a ed. São Paulo: Abril, 1978.

NIETZSCHE, Friedrich. **Vontade de potência parte II**. São Paulo: Escala, 2010.

TURGUENIEV, Ivan. **Pais e filhos**. São Paulo: Abril, 1981.